Padre Sena Freitas, um açoriano no sertão do Ceará

Lúcio Alcântara*

José Joaquim de Sena Freitas (Ponta Delgada, 1840 – Rio de Janeiro, 1913), padre Lazarista, gastou a vida entre Portugal e o Brasil, desenvolvendo febril atividade em favor da Igreja Católica, tendo também se destacado no jornalismo e na literatura, incluído em termos intelectuais entre grandes vultos da cultura portuguesa seus contemporâneos como Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Teófilo Braga e Guerra Junqueiro. Por sua ação diversificada que compreendeu a pregação religiosa, a política, a crítica literária, a tradução, o magistério e irresistível atração pela polêmica, alcançou notoriedade que o tornou objeto de biografias e estudos por parte, entre outros, de Antero de Figueiredo e Padre Moreira das Neves. Mais recentemente foi a investigação levada a cabo no Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira da Universidade Católica Portuguesa reunindo especialistas portugueses, brasileiros e de outras nacionalidades que resultou na publicação de obras do padre, de há muito esgotadas e a edição de um alentado livro com 846 páginas que levou o título "Homem de Palavra – Padre Sena Freitas", reunião daqueles estudos. Meu interesse por tão fascinante personalidade surgiu quando das temporadas lusitanas em visitas a alfarrabistas conheci suas incursões missionárias por humildes burgos do sertão cearense no recuado ano de 1870. Admirava que indivíduo tão culto optasse por peregrinar em meio às asperezas do nosso interior. Longe de supor o emaranhado de ideias, datas, fatos e versões fui surpreendido com a complexidade da tarefa que me aguardava, pois limitar-me à sua passagem por aqui seria menoscabo a seu celebrado valor.

Natural que espírito plural como o dele, dono de opiniões firmes, intervindo em múltiplas áreas do conhecimento, viesse a suscitar contro-

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

vérsias e confrontos dividindo o público em admiradores e detratores. De qualquer modo, distante do vestíbulo do inferno do paraíso de Dante, reservado aos "mornos que viveram sem infâmia e sem louvor". Diante deste cenário, justifico-me por antecipação, de naturais omissões que não cheguei a revelar e incertezas que não consegui esclarecer para melhor entendimento do perfil e desempenho do personagem. Espírito polimorfo exercitado em múltiplas atividades intelectuais, todas impregnadas pelo ardor de sua palavra. Educador, professou em instituições religiosas sempre preocupado com a melhor formação do clero; para moldar o comportamento dos jovens segundo os valores morais que preconizava, fundou um colégio com seu nome em Jundiaí/SP. Literato, brandiu a pena contra autores e obras que lhe contrariassem o gosto estético; chegou a escrever um romance de cunho religioso, "A tenda do mestre Lucas", experiência de literatura cristã que não alcançou a visibilidade pretendida. Na política, lutou obstinado para aglutinar os católicos em grêmios e partidos comprometidos com a representação da Igreja, nesse afã concorreu sem êxito a uma cadeira no parlamento; quanto à forma de governo não demonstrava preferência explicita entre a monarquia e a república com sutil inclinação por essa última; bastava-lhe que o governo fosse bom e justo. Muitos foram os caminhos perfilhados mas foi na senda da Igreja Católica onde deixou pegadas profundas como doutrinador intransigente que erguia sem vacilar o florete do verbo ao senti-la incompreendida e ameaçada pela ação de seus inimigos.

Religião Católica

Aos quinze anos, Sena Freitas ingressa no Seminário de Santarém. Levava consigo o "Gênio do Cristianismo", de Chateaubriand, presente do pai, cuja leitura segundo ele muito influenciou sua formação religiosa. Concluiu seus estudos no Seminário de Saint Lazare, em França, na Congregação da Missão, fundada por São Vicente de Paulo, comprometida com a formação de padres, o serviço aos pobres e o trabalho missionário de evangelização.

Lazarista, ou Vicentino, como também eram chamados os congregados, por mais de vinte anos, manteve-se fiel a esses preceitos por toda vida, mesmo afastado da Congregação, para atender a uma dimensão intelectual que valorizava a palavra na promoção e defesa da fé católi-

ca. O que era incompatível com a rigidez disciplinar da organização na qual se iniciou no sacerdócio. Filiado ao movimento ultramontano, era defensor da ortodoxia, da doutrina da infalibilidade do Papa, instituída pelo Concílio Vaticano I, convocado por Pio IX, intransigente no respeito aos dogmas da Igreja. Não obstante o conservadorismo dessas ideias, mostrava-se sensível ao progresso da ciência e partidário da tolerância para com os opositores da Igreja. Estimá-los seria uma forma de atraí-los para seu rebanho. Afirmava que "um intolerante não chega a ser cristão". Inflexível no essencial, a vacilação seria a sementeira da dúvida, benéfica se transitória. Sobre isso disse já ter sido alvo "do olhar vesgo da dúvida, mas nunca lhe dei cadeira". Atento às transformações do mundo, lia tudo e viajava muito para conhecer melhor as armas dos que combatia e "aceitar humanisticamente" a diversidade, enxergava "o mundo como um livro" e "as viagens sua leitura". Sensível ao avanço da ciência, admitia conciliar fé e razão, o conhecimento científico e a religião. Foi a Londres para ouvir Thomas Huxley, cientista inglês considerado o "buldogue" de Darwin por ser grande defensor do evolucionismo, por ele contestado na ausência de comprovação empírica, sem todavia refutá-lo com fundamento bíblico. De toda forma reação mais amena que a de muitos enfurecidos contestadores. Para ele a Ciência era "a luz humana que se amalgama com a luz divina". Conclama a Igreja a proclamar a verdade sem ocultar os acertos da ciência e os dramas da história. Do contrário seria fraudar a crença dos fiéis. Sem desconhecer os erros da Igreja, a injustiça cometida com Galileu, a Inquisição, o morticínio dos huguenotes, por exemplo, é preciso considerar a valiosa contribuição que deu à civilização, ao progresso da humanidade no campo das artes e da instrução, entre tantos outros. Assim sendo, leciona que "amalgamar os princípios com os homens seria condenar aqueles para salvar estes".

Distinguir, segundo ele, dois catolicismos, um genuíno e outro espúrio, conforme explicita ao traçar o perfil de Camilo Castelo Branco. Bem assim separar o catolicismo dos católicos e a Igreja dos padres. Reconhece a existência de maus padres e não transige com o erro. "É um leão com o erro e um menino com os homens", diz dele Dinis da Luz, um de seus biógrafos. Preocupa-se com os sacerdotes despreparados e os seminários precários. Quando o Padre desce ao pântano das paixões, indignidades e escândalos, estes movidos pelas molas naturais "que acionam o instinto humano dali só se ergue içado pela graça de Deus". Tanto se exige desses ministros em entrega e renúncia que um desses definiu "o bom Padre como

um milagre vivo" e recomenda cautela aos fiéis justamente ressentidos com esses desvios de conduta para que não sirvam de argumento aos inimigos da Igreja. Do mesmo modo que não se julga a revolução francesa de 1789 pelo regime de terror que implantou mas pelo farol da liberdade que acendeu.

Para melhor entender as posturas assumidas por Sena Freitas em favor de suas ideias, no púlpito e na imprensa, cumpre examinar o ambiente no seio do qual se moveu tanto em Portugal quanto no Brasil. À época, a sociedade portuguesa respirava um clima de flagrante hostilidade à Igreja Católica impulsionado por pensadores liberais, a ascensão do protestantismo, a maçonaria, a sedução intelectual do positivismo, o jesuitismo, resquício do pombalismo, que responsabilizava os membros da Companhia de Jesus por todos os males do país, atraso, pobreza, decadência, remotos e atuais. Estava-se diante de uma vaga anticlerical que provocou a perseguição e até expulsão de religiosos e freiras. Incomodado com a apatia do clero português, que chegou a qualificar de medíocre, comatoso, e com a "hierarquia católica enfeudada no poder político", decide ir à liça para em estilo candente erguer as "armas fatais" das letras impressas contra a ofensiva dos adversários.

No Brasil, nas três ocasiões em que por cá esteve, defrontou-se com uma situação não muito diversa da que deixara em sua pátria. Do ponto de vista político, a ebulição corria por conta das campanhas pela abolição dos escravos e a proclamação da república, essa última municiada por adeptos do positivismo contados entre militares e profissionais liberais; por parte da Igreja, atrelada ao Estado, as dificuldades surgiam da romanização em curso, a turbulência decorrente da questão religiosa e vozes que clamavam por uma Igreja renovada da qual fazia parte o Padre Júlio Maria. Esse, em resumo, foi o contexto em que viveu e pelejou sem recusar adversários ainda que privilegiasse os expoentes da oposição. Foi assim com o Renan, da "Vida de Jesus", e Comte, eminência do positivismo.

Do ponto de vista do governo da Igreja no âmbito do cenário em que operou Sena Freitas, é de se notar que durante o longo pontificado de Pio IX, 31 anos, um conservador que concentrou poderes e rejeitou ideologias do mundo moderno, a Igreja se isolou e aconteceu certa desarmonia interna. Seu sucessor Leão XIII, um pacificador, cognominado *o Papa operário*, ao editar a Encíclica *Rerum Novarum*, inaugura o catolicismo social atento às exigências dos trabalhadores em relação ao capitalismo em crescimento acelerado e o patronato desregrado. Dava-se

inicio a um programa de reconquista cristã amparado na doutrina social da Igreja. Como um dos militantes católicos mais ativos, conhecedor das limitações do clero, em intervenções diversas que culminaram com a publicação de "A Alta Educação do Padre", propôs a formação de um novo sacerdote talhado para atender os novos desafios da Igreja, o padre social. Empenhado em ações sociais, publicações e toda sorte de obras de interesse da comunidade. Por essa trilha a Igreja iria readquirir prestígio, revitalizar-se, ganhar forças.

Em viagem de estudos a Londres, o padre procurou se informar sobre o positivismo para melhor combatê-lo. De logo estabelece distinção entre o positivismo ortodoxo e da religião da humanidade do positivismo científico e especulativo que deverá ter a vida longa da ciência. Quanto ao de fundamento comtiano prevê que se esfume por falta de consistência. À negação da alma, a eternidade da matéria, à autoexplicação do universo, à atribuição dos fatos subjetivos do ser humano, ao mero funcionamento do sistema nervoso, postulados do positivismo, opõe o conceito da duplicidade do corpo e espírito no homem. Desenvolve longo raciocínio a propósito da inércia e movimento da matéria acionada por uma força externa, Deus, que responde pelo que a ciência não consegue explicar. Conclui por fim que Comte faria melhor caso se declarasse simplesmente ser materialista. A propósito, comemorou com estrondo a conversão católica de Emile Littré, principal colaborador de Comte, contestada pelos que viram nela a imposição da família católica a um enfermo indefeso.

Polêmicas

O espírito polimorfo de nosso autor, que o levou a incursionar por vários domínios do conhecimento, implica numa promiscuidade de papeis que muito dificulta a apreciação do teor e volume dessas intervenções. De toda forma avulta nesse diversificado protagonismo a faceta polêmica de quem "fez da pena uma espada e defendeu a verdade como se defende a vida". Cartas por ele escritas na década de 70, a partir do Colégio Santa Quitéria, em Felgueiras, sem identificação de destinatários, revelam a veia polêmica e identificam futuros alvos de sua artilharia. Há menção a escritores como Zola, Baudelaire, Eça e Guerra Junqueiro, e definida sua indisposição para com romances detratores da fé ou antijesuítas. Foi alguém que desde cedo fez opção por um lado, tomou partido e lançou-se

à luta armado de um estilo intrépido, sarcástico, com uma formidável arquitetura vernacular, tessitura de consistentes argumentos. No curso de sua existência não faltaram oportunidades para que externasse esse traço de sua personalidade, envolvendo-se em polêmicas e não apenas de natureza religiosa.

O quadro[1] a seguir resume, por temas e destinatários, as que tendo endereço certo e adversários identificados, suscitaram maior repercussão. Excluídas as menos importantes e as situações em que alguns deixaram de aceitar a luva que lhes atirara em sua vigília crítica.

Temática	Textos	Destinatários
Congreganista	- Os Lazaristas (1875) - *Contra os Jesuítas* (1881) - *As ´Novidades` no Pelourinho* (1901) - *Quem são os Verdadeiros Reaccionários?* (1901)	- António Enes - Os antijesuítas - Emídio Navarro - Hintze Ribeiro e o Governo
Pastoral	- *Os Nossos Bispos do Continente* (1878, 1897) - *Crítica à Crítica* (1879)	- D. Américo, Bispo do Porto e António Cândido - Pe. Guilherme Dias
Filosófica	Escritos vários contra o Positivismo, desde a década de 1870.	- Augusto Comte, Teófilo Braga
Teológica	- Sobre a tradução de *Breves e Familiares Instruções sobre o símbolo...* de José Lambert (1881) - *Historicidade da Existência Humana de Jesus* (1910)	- Pe. Crispim Caetano Ferreira Tavares - Emílio Bossi
Literária	- *Autópsia da <<Velhice do padre Eterno>> (1886, 1888, 1900)* - Acerca de O *Anti-Cristo* (1886) - *A Carniça* (1888) - Sobre questões de arte e literatura moderna (1888)	- Guerra Junqueiro - Gomes Leal - Júlio Ribeiro - Pe. Almeida e Silva

[1] ABREU, Luís Machado de et al. Homem de palavra: Padre Sena Freitas. Lisboa: Roma, 2008.846p.

Em defesa de suas posições nem os mais próximos estavam a salvo de sua verrina implacável. Não era raro confundisse autor e obra e deslizasse do estilo para agredir a pessoa. Talvez para se prevenir contra esses excessos cunhou o lema "guerra às ideias, paz aos homens", inaugurado no decorrer da polêmica com Guerra Junqueiro.

Sena Freitas e Guerra Junqueiro

Estando Sena Freitas em vilegiatura em Poços de Caldas, tomou conhecimento ali da publicação em livro do poema de Guerra Junqueiro "A Velhice do Padre Eterno", o poeta respeitado e querido tanto em Portugal quanto no Brasil. Indignado com a linguagem insolente e desrespeitosa do patrício, embora em viagem, disparou da pequena cidade de Amparo um petardo contra a ofensa versejada. Assim o fez: "ali mesmo travei da pena para responder ao poeta que trocou o coturno pelos guizos de latão do arlequim e os harpejos sedutores da lira pelo calão avinhado da taverna". Nascia a "Autópsia da Velhice do Padre Eterno", publicado em São Paulo meses mais tarde, tendo alcançado grande êxito. O padre Moreira das Neves, seu biógrafo, reconhece o estilo belicoso, a prosa sacudida, pontilhada de rajadas de fogo e chicotadas heroicas na réplica do sacerdote. Não há noticias de que Junqueiro haja retrucado a crítica. Ao menos publicamente, pois em carta a Camilo Castelo Branco, de volta da Galiza onde fora "aprender um pouco de dialeto de pau e corda (pau de zurzir e corda de enforcar) para zurzir o Sena e enforcar o Freitas". Admite-se que o silêncio do poeta deva-se à interferência de Camilo, já então muito próximo do padre. Esclareça-se que os versos de autoria de Guerra Junqueiro, publicados à sua revelia sob o título de "Littré e o padre Sena Freitas", foram dados à estampa no auge da discussão travada a respeito da discutida conversão do escritor francês ao catolicismo. Sua carta, datada de 18 de Julho de 1881, dirigida ao jornal que os divulgara, reconhece sua autoria, fruto de uma "rapaziada literária dum jacobinismo de mau gosto" elaborados com um amigo, esquecidos, agora vindos à luz com um título de ocasião ao tempo em que os renega. Motivou os versos a crítica assaz contundente feita ao livro "Caricatura em Prosa" extensivas ao autor Luis de Andrade e seu editor (1876).

A poesia renegada iria ressurgir numa publicação apócrifa intitulada "Esparsas", levando o nome de Guerra Junqueiro como autor e o poema

intitulado a Sena Freitas, abrindo a série que integrava o livro. De notar que o fato se deu no mesmo ano (1886) em que saiu a "Autópsia da Velhice do Padre Eterno". Desconhece-se quando Guerra Junqueiro teria tomado conhecimento da fraude; a verdade é que trinta anos mais tarde, em visita à biblioteca do Porto, fez questão, autorizado, de cortar doze páginas da obra começando pela primeira. A prova do crime está recolhida ao cofre da Biblioteca Municipal do Porto. O ponto culminante dessa famosa polêmica foi a reconciliação entre os dois contendores, selada em um encontro na Livraria Gomes, ao Chiado, em Lisboa. Ao perceber a presença de Guerra Junqueiro que lia sentado em uma poltrona nos fundos da livraria, tomou junto ao livreiro um exemplar de seu discurso "A Bíblia" e o ofertou com a seguinte dedicatória: "Ao Exmo. Sr. Dr. Guerra Junqueiro, felicitando-o pela sua evolução progressiva no ideal cristão." A recepção cordial do poeta deu margem a um diálogo metafísico em que este, influenciado por Tolstoi, declarou-se também cristão, adepto de um cristianismo professado por uma Igreja pobre, sem fausto, como eram os apóstolos, e que rejeita a Inquisição. O padre não viveria para testemunhar o arrependimento de Junqueiro que, ao se declarar ter sido muito injusto com a Igreja, afirmou que sendo "A Velhice do Padre Eterno" um livro da mocidade já não o escreveria aos quarenta anos. Reconciliado com a Igreja jaz nos Jerônimos com um crucifixo no peito.

Sena Freitas e Júlio Ribeiro

Das polêmicas em que se envolveu no Brasil o Padre Sena Freitas, a que mais repercutiu foi a que se feriu com Júlio Ribeiro em torno do seu livro "A Carne", que chegou a merecer uma obra intitulada "Uma Polêmica Célebre", prefaciado por Orígenes Lessa. Ribeiro, filho de um americano com uma brasileira, jornalista e gramático, foi um homem sofrido na luta contra a pobreza e a tuberculose, vítima de infortúnios pessoais. Perdera a primeira mulher e seguidamente três filhos. "Um homem altivo, orgulhoso, brigão, amigo da polêmica de cujo relho da língua" provaram Valentim Magalhães, o padre Belchior de Pontes e políticos paulistas. Um brado de guerra contra a hipocrisia que não se detinha nem quando se tratasse de amigos. O livro teria passado despercebido não fora a querela que desencadeou tornando-o mais discutido que outras expressões do naturalismo brasileiro como o "Cortiço" e "O Mulato", ambos de Aluisio de Azevedo.

Para a virulência da polêmica, marcada por agressões pessoais e uma chuva de insultos recíprocos, muito contribuiu o temperamento dos litigantes. Uma disputa entre amigos, pois o padre frequentava o lar do jornalista, gênios assemelhados que não poupavam amizades que lhes ofendessem a sensibilidade e as ideias. Sena Freitas distinguia os mestres da pena em dois grupos: os melífluos e os vigorosos. O duelo, no caso, se daria entre dois indivíduos destemidos animados do mesmo entusiasmo pela peleja. Sem ser um neófito, já publicara romances e uma gramática elogiada por Capistrano de Abreu, Júlio Ribeiro recebeu as primeiras críticas eminentemente literárias com serenidade. O livro foi considerado fraco por José Veríssimo que chamou a heroína de "Spencer de saias", Silvio Romero e Alfredo Pujol que o taxou de simplesmente obsceno. Foi a crítica de Sena Freitas que feriu seu orgulho, doeu-lhe na alma, assumiu as características de um caso pessoal e não de princípios, transformado em ódio e insopitável desejo de vingança. Mas o que disse o padre que despertasse enorme fúria? Numa corruptela gravosa transforma a carne em carniça, à venda em bordel digna de ser arremessada à carroça do lixo que passe. A todo passo considera-se incomodado por atirar-se contra a obra de um amigo que muito respeita e admira, fazendo-o por uma questão de princípios a que não convém renunciar.

Considera o livro frouxo que nem a boa forma salva porque o fundo é indesculpável. Um tratado de fisiologia, que reduz o amor a cio e o livro fruto de uma agitação interna atribuída a Deus, confessada em carta a Zola, abominado por Sena Freitas, que ao contrário enxerga nessa força interior o anjo pé de cabra, o "diabolus domesticus". Denuncia o artificialismo do enredo que o abastece de ciência de forma inverossímil a heroína do romance. Ao elogiar o estilo do escritor deplora o "pobre Júlio tão ilustrado, mas tão derrancado no seu gosto literário". Carregado de virtudes, é como "um nenúfar que brota no pântano". Uma mente enferma no aguardo de leis que regulem os desvarios da imaginação e, recobrada a higiene da alma torne a ser Júlio Ribeiro, conclui sua invectiva. A resposta do ofendido não tardaria. Anuncia que irá esmagar o padre, provocado que se aguentasse. Tido como virulento era apenas agressivo ao defender-se como o fizera em todas as polêmicas em que esteve metido. Disposto a enfrentar o adversário em todas as arenas, promete ser quem diga "a última palavra, vibre o último golpe". A estratégia colocada em prática tinha por objetivo desqualificar o padre e radicalizar nas ofensas

pessoais. Mostrá-lo como um ingrato que abusou da confiança da família, valendo-se da amizade de Camilo para promover-se como intelectual e importar para o Brasil um prestígio de que já não dispunha em Portugal. O "clown litúrgico", "palhaço de batina, o reverendo suíno, o urubu que refocila na carniça". Valendo-se de seu reconhecido domínio da língua, disseca seguidamente os textos do padre a catar erros e impropriedades para concluir que desconhece "disciplina gramatical" e "erra vergonhosamente em sintaxe". Quando o padre se queixa pelo jornal da objurgatória infrene, recebe de volta o apodo de "delicioso pândego". A propósito da obra pouco ou nada disse; não defendia uma escola, repelia um agressor, castigava um insolente. Como a justificar-se da linguagem desabrida com que pavimenta o caminho em busca da justiça, encima repetidamente seus artigos com a mesma epígrafe de autoria de Sena Freitas:

> *"Há injustiças e desmandos tão flagrantes, que carecem ser assoalhados perante a opinião com a linguagem castigadora do deserto e do sarcasmo."*

Informado de que Júlio Ribeiro agonizava na sua casa em Santos, o padre Sena Freitas se dirige para lá em busca de uma reconciliação. Morto o desafeto, divulga que fora perdoado e o ateu arrependido aceitara a fé que rejeitara em vida como Voltaire e tantos outros. Versão desmentida pela viúva D. Belizária Ribeiro, o médico que assistiu o desenlace, Dr. Silvério Fontes, e o poeta Vicente de Carvalho, mantendo-se de pé uma controvérsia que nem a morte de um dos querelantes extinguiu.

Guilherme Dias

A polêmica que Sena Freitas entreteve com esse padre convertido ao metodismo girou em torno das divergências entre católicos e protestantes a respeito da liturgia e interpretações da Bíblia. A fagulha que acendeu o debate foi uma carta pastoral de D. Américo, bispo do Porto, denominada "Instrução Pastoral sobre o Protestantismo". O documento tinha por objetivo orientar o clero e os católicos de modo geral sobre o proselitismo dos evangélicos desenvolvido largamente mediante impressos propagandísticos e a distribuição abundante de Bíblias à população. A instrução surgiu como uma reação da Igreja Católica à apostasia de padres, convertidos ao protestantismo, o ostensivo abandono do celibato e a pressão pela institui-

ção do casamento civil que atenderia ao interesse desses egressos do clero romano desejosos de contraírem matrimônio. Pelo lado dos evangélicos a resposta viria em publicação de responsabilidade do padre Guilherme Dias, com o nome de "Resposta que à Instrução Pastoral do Exmo Bispo do Porto dá o padre Guilherme Dias". O confronto se estabelece em clima de acirramento que agita a discussão entre os partidários das igrejas divergentes. A própria Igreja Católica vive uma turbulência em razão do choque entre liberais e ultramontanos tendo o casamento civil como um dos pomos da discórdia.

O escalado para contestar os argumentos do protestante foi o padre Sena Freitas, considerado então o mais credenciado e mais temível polemista lusitano do século XIX, e o faz editando um pequeno livro, "A Crítica da Crítica", de refutação aos pontos levantados pelo padre Dias. O debate se desenvolve na órbita da teologia que Sena Freitas considera a ciência da fé. Nessa seara não lavro eu. Sem entrar na essência dessa discussão, registro a mesma veemência de Sena Freitas no trato com o adversário, logo denominado ex-português, ex-padre, acusado de combater com armas proibidas, o sofisma e a má fé.

O livro é também uma espécie de manual com respostas ao que chama sofismas do crítico, a quem considera um desgraçado e traidor. Ao se desculpar de eventual frase acre, justifica-se pela necessidade de mostrar ao público a falsidade de uma doutrina.

Lazaristas

Sentindo-se diretamente atingido pela peça de teatro "Os Lazaristas", de Antônio Ennes, o padre Sena Freitas moveu tenaz campanha contra a encenação daquele drama que vinha denegrir a imagem da Congregação da Missão. Considera que o teatro é parte de uma ação coordenada e alimentada por correntes contrárias ao catolicismo com participação financeira dos maçons de Coimbra. A peça vai encenada com grande sucesso na onda do sentimento anticlerical então vigente na sociedade portuguesa. Reconhece que o autor escreve bem e tem um estilo em geral correto e elegante. O enredo está centrado em um personagem fictício, o padre Bergeret, um lazarista francês. A partir dele os lazaristas são apresentados como tartufos, dissimulados, interessados na bolsa alheia, contrários ao matrimônio, seduzindo as jovens aristocratas para ingres-

sarem na vida religiosa. Assim fosse, toda donzela que voluntariamente escolha o claustro é uma vítima e o padre um algoz, diz o padre Sena Freitas. Se o caso é com os franceses da Missão São Luiz em Lisboa, que gozam de proteção diplomática contra as perseguições, nem por isso se ignore os muitos trabalhos prestados pelos membros da Congregação ao redor do mundo. Sena Freitas exemplifica a ação desprendida e frutuosa desses padres que palmilham o sertão do nordeste brasileiro, inclusive o Ceará, pregando a palavra de Deus e fazendo o bem. No Rio de Janeiro, o Conservatório Dramático recomendou e o Governo acolheu proibir encenar a peça do Sr. Antônio Ennes. Um golpe na liberdade de expressão apoiado no que Machado de Assis, membro do Conservatório, definiu como pontos sobre os quais tem de se exercer a censura: religião, moral e decência. Não consegui ainda apurar se o parecer censório foi da lavra de Machado, pois sobre isso há informações contrárias.

Fato curioso foi que vinte anos depois o mesmo Antônio Ennes, apontado como detrator dos lazaristas, então Comissário Régio em Moçambique, pedia por telegrama, à Rainha D. Amélia que lhe mandasse irmãs de caridade de São Joseph de Cluny, para o serviço hospitalar de Inhambane. De três destas enfermeiras cristãs, diz o notável escritor no seu primoroso livro de memórias "A Guerra de África de 1895": "Com elas entraram no novo hospital, não só a caridade, senão também a ordem, a disciplina, a economia e até a alegria."

Missões no Ceará

Ao se ordenar em São Lázaro, Sena Freitas é chamado pelo Superior para auscultar-lhe a preferência entre o magistério e a vida missionária conforme seu pendor e vocação. Optou de imediato por ser missionário, afinal fora com esse objetivo que entrara para a Congregação. Em seguida indagou-lhe sobre para qual país gostaria de ir. A resposta veio rápida: Abissínia, destino que o fascinara através dos relatos de um padre egresso daquelas longínquas paragens para onde pensava retornar. Sua inclinação missionária foi respeitada mas seu rumo seria o Brasil para onde seguiria em dois dias. No Rio de Janeiro, após um período de aclimatação e depois de muito insistir junto ao Visitador, foi designado para servir em Minas Gerais, no Caraça, seminário e centro da Missão, afamado educandário por onde passou parte significativa da elite brasileira. Frustrou-se seu propósito missionário sob o argumento de que era jovem e inexperiente para

assumir essa responsabilidade. Designado professor, foram-lhe atribuídas as disciplinas de Dogmática e História Eclesiástica. Nas folgas da docência auxiliava os irmãos mais velhos nas Missões próximas ao colégio. Indo ao Rio imbuído da mesma determinação missionária conseguiu ser enviado à Bahia, consagrado à obra das missões. Viveu o que pregou quando disse: "Principiar é um bem mas o perseverar é a consumação do bem". Cumpria-se a promessa feita a si mesmo, inspirada nas páginas do "Gênio do Cristianismo" sobre as missões no Levante, Paraguai e Antilhas. "Também eu serei missionário". Feliz, realizado seu ideal na companhia fraterna de irmãos e surpreendido com a visita do Padre Guilherme Wanson, que irei transcrever a seguir num trecho indicador de como se deu sua vinda para o Ceará, da autobiografia que levaria o nome de "A agitada História de Minha Vida", interrompida por sua morte. "Acabávamos nós de regressar à cidade da Baía, depois de uma tournée missionária, e, mercê de Deus, bem frutuosa, quando de improviso nos assoma na nossa residência do "Campo da Pólvora" Pe. Guilherme Wanson, de nacionalidade alemã, um gentleman do Bom Deus, que por tempo estivera como lazarista em Farinha Podre, (Minas Gerais) e que me vinha tomar à Baía da parte do Visitador, para, juntos, irmos fundar a missão do Ceará. Surpresa completa da parte de todos, e eu pela minha parte já me tinha afeiçoado à querida missão baiana, cujo povo rural, nado e criado entre aquelas matas de mangueiras e jaqueiras, tinha tão bom fundo, apesar dos seus defeitos e sestros. Mas cumpria obedecer à injunção do Superior e partir sem mais delongas para o novo teatro de acção que me era designado. Ficava naturalmente indicado como director da missão o Pe. Guilherme Wanson, como mais velho e experiente. Só me restava esperar o dia da partida para a santa missão que não tardou muito tempo. Foi a de S. Francisco de Canindé, a uma considerável distância da Fortaleza. Grande mó do povo a cavalo e a pé, veio esperar-nos a meia légua da povoação e nós entramos verdadeiramente, em triunfo, porque o povo canindeense é um povo de fé, recebendo-nos como aos membros de Jesus Cristo. [Fim]."

Pesquisando a história dos Padres Lazaristas no Ceará, conclui que a convocação para que Sena se transferisse para nosso Estado partiu na verdade do Padre Guilherme Van de Sandt, cujo nome foi grafado equivocadamente. Foram duas suas temporadas no Ceará, 1870 e 1872, com intervalo no Rio de Janeiro. Das duas estadas foi-me possível recuperar, porque publicados, os seguintes documentos:

1. **"Sermão Sobre o Respeito Humano"**, pregado na Villa do Canindé, Província do Ceará. Inquina de covardes os que não manifestam seus sentimentos religiosos por temerem motejos dos ímpios e a censura alheia. Foi assim com Pilatos acovardado perante a multidão; em sentido inverso faz a apologia da Madalena convertida indiferente à zombaria e à insolência. Exalta a verdade, "menos um jugo do que a verdadeira liberdade".

2. **"Fragmento de um Sermão"**, sobre a importância da salvação. Pregado no sertão da Província do Ceará (Império do Brasil no logar chamado Arraial). Adverte para o compromisso com a salvação da alma acima dos negócios terrenos que tenham a ver com o poder e as honrarias, a riqueza, a glória e a beleza.

3. **"Discurso Inaugural"**, pronunciado na instalação da Associação de Instrução Religiosa, na cidade de Fortaleza, Província do Ceará, no dia 7 de Junho de 1872. Enaltece a eficácia da união em torno de princípios morais e augura à novel entidade êxito em espalhar a mensagem do catolicismo.

4. **"Exórdio do Primeiro Sermão"**, de uma missão que havia de ser cumprida e não o foi na cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Alerta para a dificuldade de calibrar o estilo em função do nível cultural da assistência. Exorta a que relevem a forma e vigiem o conteúdo da mensagem. Enfermo, o Autor do "Exórdio" não chega a pronunciar o sermão agendado.

Decide então regressar ao seu país para retornar ao Brasil em 1885 sem jamais voltar ao Ceará, radicado em São Paulo e Rio de Janeiro. A doença que lhe acometera aparece como má referencia recorrente em sua obra. Em 1874, acha-se em Póvoa do Varzim a respirar ares marinhos em busca da saúde. Diz-se um "corpo clorótico e mirrado, uma clavícula luxada pelo peso de três moléstias consecutivas, apanhadas no Ceará, das quais ficara o espasmo duma intermitente que me durara dez meses, e uma faringite com quem me casei catolicamente, atenta a religiosa indissolubilidade do vínculo conjugal que tem guardado para comigo. Foi nessa cidade litorânea que aconteceu o primeiro encontro com Camilo Castelo Branco quando este o interpelou sobre sua saúde e recomendou-lhe "basta de Brasil, seja de ora em diante para os seus patrícios".

Não obstante a vinculação de nosso Estado a essas ocorrências mórbidas, o Padre guarda na memória boas recordações do Ceará e do nordeste. Algumas mencionadas no relato "Oito anos nos sertões da América do Sul ou o Brasil por dentro", publicado como apêndice ao livro "No Presbytério e no Templo", volume II, evocações gastronômicas do café às refeições, a coalhada das ceias, o capote dos terreiros, o conforto das redes alvas e os ícones da flora, a oiticica que lera no Senador Pompeu ser a maior árvore do Brasil setentrional e o cajueiro no qual apoiou a metáfora do enxerto que faz "a raça estéril de Adão produzir frutos já não corruptos, mas divinos". A anotar, por último, sua manifestação sacrificial sobre a oferta que fez de sua saúde distribuída quase toda entre os corações dos que ouviram sua nobre palavra.

As missões marcaram um tempo pioneiro da evangelização nas populações rarefeitas dispersas entre o dilatado espaço do interior brasileiro. A esses porta-vozes da fé, incumbia a árdua tarefa de levar a recuados lugares da civilização e do conforto, o progresso, a palavra seminal que elevasse os espíritos para conduzi-los ao redil do Senhor. Nessas visitas bissextas, padres e religiosos proferiam sermões e ministravam sacramentos a uma pequena multidão mobilizada num raio de até doze quilômetros para cumprir intensa programação animada pelo foguetório e uma banda de música na praça transformada em Igreja do sertão. Celebrava-se a liturgia em um altar rústico, ou mesmo sobre uma mesa, e se pregava de um púlpito improvisado amparado em estacas enquanto a massa se espalhava abrigada em latadas cobertas por ramagem ou folhas de palmeiras. Nesse clima festivo de comunhão popular com a Igreja perdoavam-se os pecados, batizavam-se os pagãos, faziam-se casamentos, reconciliavam-se casais e desafetos, iniciavam-se construções de cemitérios. Ao término da jornada, erguia-se um cruzeiro sobre um monte, marco da fé espargida naqueles corações simples, como aquele que fez levantar em Canindé o Padre Sena Freitas, anos mais tarde demolido. A perseguição indígena assoalhada pelos críticos das missões pertencia a um passado muito distante lembrado pelo padre, ao citar de novo o Senador Pompeu, "no sangue dos mártires Jesuítas derramado nas dunas do Ceará". Homem culto, temia não se fazer entender pelo auditório daí a preocupação de expressar-se em linguagem simples acessível àquelas mentes singelas. Pelo que li não creio tenha atingido plenamente seu objetivo.

Essa descrição, baseada no "Esboço de uma missão", delineado por ele, coincide em muito com outros relatos que apontam na mesma dire-

ção. No arquivo da Província de Fortaleza da Congregação da Missão[2] há registro de que entre os anos de 1870 e 1877 foram realizadas cento e trinta e três missões com duração de dez a quinze dias, distribuídas de vinte a trinta mil comunhões anuais. A reprodução abaixo do programa a ser cumprido pelos missionários dá ideia do trabalho intenso a que os mesmos estavam obrigados:

Programação Diária das Missões
Horário das Santas Missões:

MANHÃ
4:30hs : Primeira chamada
5 horas: Segunda chamada
6 horas: Sermão
6:30hs: Missa de comunhão celebrada pelo revmo. vigário
6:45hs: Confissão para senhoras
TARDE
2:30hs: Dez badaladas do sino para chamar os homens à confissão e as crianças ao catecismo.
3 às 5:45hs: Confissão dos homens
3 horas: Catecismo das crianças, dado por um dos missionários
NOITE
6:30hs: Terço cantado (pela conversão dos pecadores)
6:50hs: Sermão, terminado pela benção do SS.Sacramento. O Povo retira-se para suas casas; cantando o "Bendito do SS.Sacramento" ("Bendito e louvado seja...")
9 horas: Nove badaladas no sino: todos rezam um padre nosso e uma ave maria pelas almas. Em seguida grande silêncio.

Fonte: *Livro das Missões,* Volume III, p. 26 folha anexa, referente às Missões em Caucaia.

Fixando-se em Portugal, o Padre Sena Freitas imprime uma inflexão em sua vida para dar vazão à sua vocação dominante de missionário. Com a voz comprometida pela doença e percebendo a expansão da imprensa e seu enorme poder de comunicação, troca o púlpito pela letra de forma, a

[2] FRENCKEN, Geraldo. Em Missão: os padres da Congregação da Missão (Lazaristas) no Nordeste e Norte do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2010. 507 p.

homilia pelas páginas impressas. Torna-se um grande publicista a serviço da Igreja, sempre obreiro da palavra, tanto escrita como oral e decreta o anacronismo das missões e o fim "do sermão de levantar berreiro".

Amigo constante da pena, empunhava um lápis quando se despediu da vida em uma cela austera do convento carmelita no Rio de Janeiro debruçado sobre uma mesa gizando sua autobiografia intitulada "História da minha vida". O texto recuperado prematuramente se encerra com o episódio de sua primeira vinda ao Ceará. Saída de cena discreta para um personagem buliçoso que iluminou a vida com a pregação candente de seu pensamento.

ANEXO

CRONOBIOGRAFIA DO PADRE JOSÉ JOAQUIM DE SENA FREITAS

(transcrição do volume **Homem de Palavra: Padre Sena Freitas**, de Luis Machado de Abreu e outros, Roma Editora, 2008, Lisboa.)

1840 – José Joaquim de Sena Freitas nasce a 21 de julho em Ponta Delgada (Açores). É filho de Bernardino José de Sena Freitas, natural do Rio de Janeiro, e de Maria José de Brito Mascarenhas Veloso e Freitas, natural de S. Tiago de Tavira (Algarve). Fez os primeiros estudos em Vila Franca do Campo e em Ponta Delgada.

1855 – Ingressa no Seminário Patriarcal de Santarém.

1860 – Entra no Seminário de S. Lázaro, em Paris, da Congregação da Missão, instituto religioso vulgarmente conhecido por lazaristas ou vicentinos. Faz o seminário interno (noviciado) e completa os estudos eclesiásticos.

1862 – Faz os votos, a 19 de Julho.

1865 – É ordenado sacerdote em Paris. Embarca para o Brasil neste mesmo ano, e passa por Lisboa, onde fica um mês. Leciona, durante quatro anos, no seminário maior de Caraça, Minas Gerais. Passa, depois, a missionar em terras do Ceará e da Baía, onde prega várias missões.

1872 – No Verão deste ano regressa a Portugal. Inicia então intenso apostolado pela imprensa, escrevendo e traduzindo opúsculos de divulgação da doutrina católica.

1873 – É colocado em Santa Quitéria (Felgueiras) como professor do colégio dirigido pelos lazaristas.

1874 – Alegando motivos de saúde, obtém licença para deixar a comunidade religiosa. Sai de Santa Quitéria e passa a viver com a família. Publica os dois volumes de *No Presbitério e no Tempo,* colectânea de sermões e discursos.

1875 – Publica *Os Lazaristas pelo "Lazarista" Snr. Enes e A Tenda de Mestre Lucas, romance religioso original.*

1877 – Regressa à comunidade vicentina e volta a Santa Quitéria, prosseguindo trabalhos de pregação e de escrita. Reúne textos dispersos que edita com o título *Escritas Católicas de Ontem*.

1878 – Em Outubro, em Guimarães, começa a publicação de *O Progresso Católico revista religiosa, cientifica, literária, artística e noticiosa* de que é redactor.
1880 – Em Maio deste ano obteve novamente licença para sair da comunidade, por motivo de saúde. Esta licença foi dada por dois anos, até 1882.
1881 – Amigo de viajar, encontrámo-lo em digressão pela Irlanda e por Inglaterra. Estagia em Londres, onde aprofunda conhecimentos de História Natural. Publica *Dia a Dia de um Espírito Cristão.*
1882 – Obtém dispensa dos Votos por se reconhecer que a sua índole se coadunava mal com as exigências da vida em comunidade. Manteve sempre bom relacionamento com a Congregação da Missão. Foi grande amigo do Padre Alfredo Fragues, que veio a ser Superior Provincial dos Lazaristas. Empenha-se ativamente em mobilizar e unir os católicos, tendo em vista a participação na vida política.
1885 – Em Janeiro, parte para o Brasil. Instala-se em S. Paulo e lecciona no Seminário desta cidade.
1886 – Colabora ativamente na imprensa brasileira.
1887 – Funda e dirige, em Jundiaí, nos arredores de S. Paulo, um colégio a que dá o seu próprio nome. Publica *Perfil de Camilo Castelo Branco e Autópsia da Velhice do Padre Eterno.*
1888 – Participa em polêmicas com Júlio Ribeiro e o Padre Almeida e Silva.
1892 – Neste ano e no ano seguinte desenvolve, no Rio de Janeiro, grande atividade antipositivista, proferindo conferências sobre a filosofia de Augusto Comte.
1894 – Regressa a Portugal.
1895 – Participa no Congresso Católico realizado em Lisboa, no quadro do Centenário Antoniano. No fim de Julho, é severamente agredido por anticlericais.
1896 – É elevado à dignidade de Cônego da Sé patriarcal de Lisboa.
1897 – Volta a Ponta Delgada, terra natal, onde prega.
1901 – Com a Lei de Hintze Ribeiro e o reacender da "questão religiosa", Sena Freitas volta à liça e publica *Quem são os Verdadeiros Reacionários e As "Novidades" no Pelourinho.* Neste mesmo ano sai o primeiro volume de *Lutas da Pena.*
1902 – Viaja pela Suíça, Alemanha, Bélgica e Holanda. As crônicas destas

viagens são publicadas no ano seguinte com o título *Por Água e Terra.* Data desta altura a "questão dos cônegos da Sé patriarcal", em que Sena Freitas participa.

1906 – Sai o primeiro tomo de *A Palavra do Semeador* a que se seguirão mais dois, nos anos seguintes.

1908 – Viaja até o próximo oriente e colige as crônicas desta viagem no volume *Istambul*, que sai no ano seguinte.

1909 – Desde há muito empenhado em contribuir para a melhoria da formação eclesiástica, traduz e prefacia dois discursos de Monsenhor Spalding, que edita com o título *A Alta Educação do Padre*.

1910 – Publica *Historicidade da Existência Humana de Jesus contra Emilio Bossi*. Em Dezembro, embarca para o Brasil, evitando assim ser molestado, como acontecera aos seus amigos da comunidade de Arroios, os lazaristas Padres Alfredo Fragues e Bernardino Barros Gomes, barbaramente assassinados no dia 5 de Outubro.

1911 – Em 18 de Abril, o *Diário do Governo* declara-o destituído de Cônego da Sé de Lisboa "por abandono do lugar".

1913 – No dia 21 de Dezembro, morre no Rio de Janeiro, no Convento das Carmelitas, na Lapa.

Bibliografia

ABREU, Luís Machado de et al. Homem de palavra: Padre Sena Freitas. Lisboa: Roma Editora, 2008. 846 p.

FELGUEIRAS, Guilherme. Senna Freitas e Junqueiro, reconciliação de dois doutrinadores antagónicos. Lisboa: Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1982. 11 p. Separata do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira. v. XL.

FIGUEIREDO, Antero de. O Padre Sena Freitas: conferência. Lisboa: Aillaud, 1926. 64 p.

FONSECA, F. Guimarães. Os Lazaristas. Lisboa: Typografia Christovão Augusto Rodrigues. 81 p.

FREITAS, José Joaquim de Sena. A Carta e o homem da carta. Porto: Typographia da Palavra, 1876. 64 p.

_____ A Palavra do semeador: sermões, orações funebres, discursos, conferencias, allocuções, pronunciamentos no templo e fóra d'elle: 1867 – 1903. Lisboa: A. M. Pereira, 1903. 312 p. t.2.

_____ Ao Veio do tempo: (ideias, homens e factos). Lisboa: A. M. Pereira, 1908. 359 p.

_____ Crítica à crítica. Porto: Livraria Portuense, 1879. 121 p.

_____ Evangelho segundo Renan. Companhia Impressora, 1893. 78 p.

_____ Luctas da penna. Lisboa: Typographia Universal de Laemmert, 1901. 302 p.

_____No presbyterio e no templo. Lisboa: Fornecedores da Casa de Bragança, 1884. 302 p.

_____ Os Lazaristas. Porto: Typographia A. J. da Silva Mesquita, 1875. 75 p.

_____ Perfil de Camilo Castelo Branco. Porto: Caixotim, 2005. 134 p.

FRENCKEN, Geraldo. Em Missão: os padres da Congregação da Missão (Lazaristas) no Nordeste e Norte do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2010. 507 p.

RIBEIRO, Júlio. Cartas sertanejas / Procellarias. São Paulo: FUNDAP, 2007. 448 p. (Coleção Paulista).

RIBEIRO, Júlio; FREITAS, José Joaquim de Sena. Uma Polêmica célebre. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1934. 157 p.

SILVA, Hugo Victor Guimarães e. Chefes de Polícia do Ceará. Fortaleza: Minerva, 1943. 182 p.

SILVEIRA, Aureliano Diamantino. Ungidos do Senhor na Evangelização (1700 a 2004). Fortaleza: Premius, 2004. 512 p. v.2.